

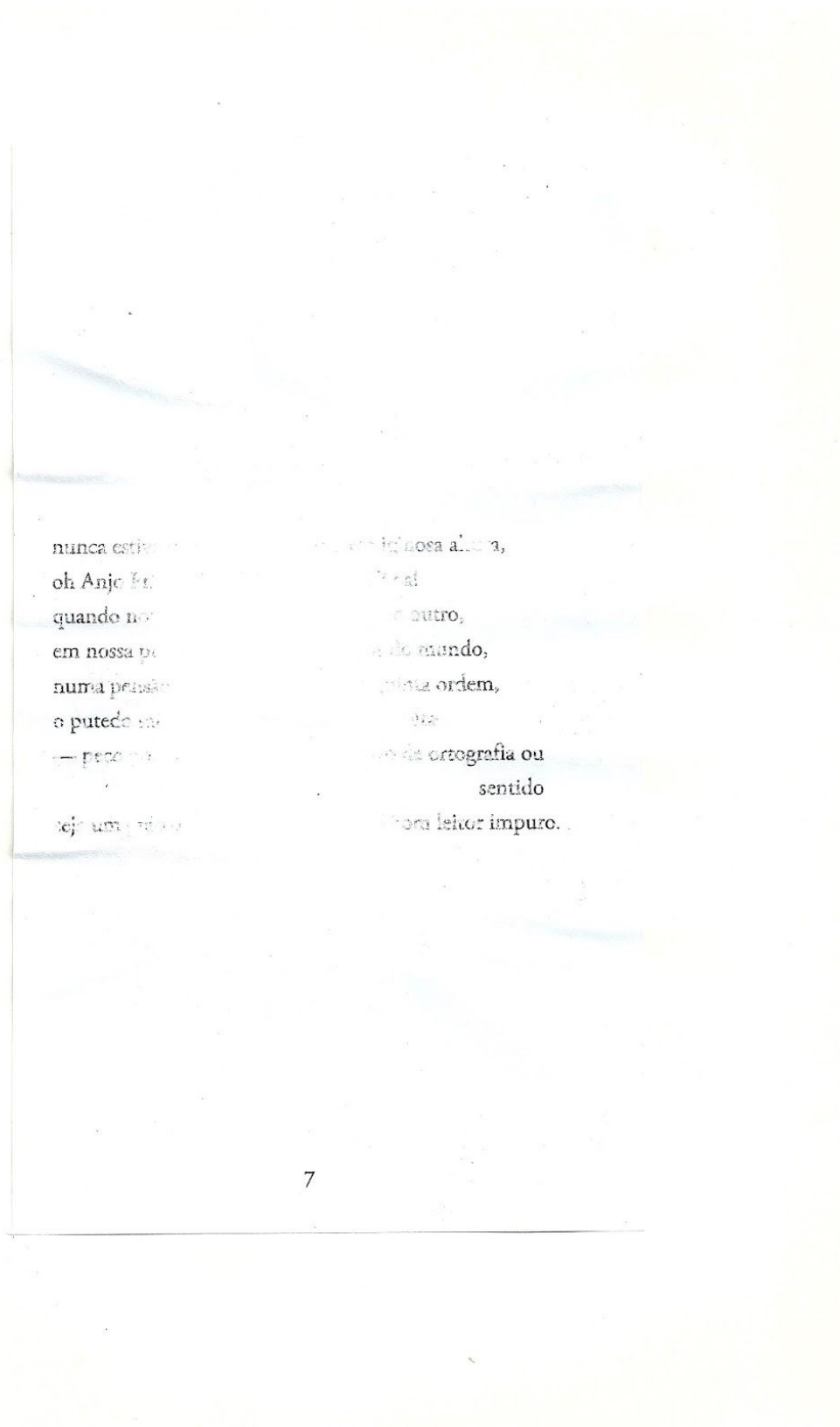
APAGAMENTOS de Herberto Helder

PEDRO EIRAS*

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa

De que é que Rimbaud estava à espera para mostrar o seu modo implacável de fugir de casa? Apareceu, sim senhores, mas exactamente quando já desaparecia. É assim que se está a ver a história da «aventura espiritual da poesia no Ocidente»: Rimbaud deu dois exemplos, e o segundo anulava o primeiro. Quando as pessoas chegaram ao primeiro, acharam-no bom e ficaram nele. Então esqueceram que havia o segundo. Este último cancelava as iluminações ou as épocas no inferno (tanto faz) como um «erro». O silêncio é que deveria ter sido o ponto de partida para a experiência espiritual da modernidade.

Herberto Helder, *Photomaton & Vox*



estava o rei em surra
disse:
entre os sete o
de ao pé das águas
e lhes imitem o
ou ásperas, ou
de serem súbitas
inacessíveis no
fúlgidas, frígidas,
fêmeazinhas de
e então o de
que em sa
logo tremam,
como se Deus as
oh fêmeas infantis

partes que lhe trouxessem as
fêmeas,
as fêmeas,
máquina quase
avulso,
vanti,
estavam acima de
qualquer linha,
sobre,
e refaçam e subam
e a cóna,

que nenhum
noite erguida
cravada entre

em esse, nenhuma
imagem profunda:

lá está o
que nem
ouvi-lo
quando n

o último piso esquerdo,
aninhos!

era a oito, desde o começo do mundo, a Joia: o
meu reino
foda-se
vou-me embora e não me venha a falar o Manuel
Bandeira
quanto a mim, não vou fazer nada do teu com a
minha idade, vou fazer nada por uma
aventura e não vou fazer nada das dívidas
ideológicas
(e tantas turmas a fazer o mesmo)
e, enfim, vinha a ver o teu pobre burro velho
que viu a vida e não viu a razão
do pai e sei que não sei nada
Pai, Pai, porque me não deixas
e já não sei em que mundo estás, mas que não tem
a apoiar-lo e não sei quem é que principiou
logo assim, não sei quem é que foi Tolstói, um
tal Sully Prudhomme
e mais uma vez: Vou-me embora e não me venha a falar o
ou: Vou-me embora e não me venha a falar o
e aqui jaz, acorda-te, não te acorda que pelo
menos sou um velho burro velho, o todo vosso
burro com a vida e não sei nada, quer dizer:

uma referência... finalmente
enterrado... contacto
com o invólucro... a fogo
na resta: eu... é estou
praticamente... penhas é o
meu pouso.

Esta é a minha elegia

A Elegia de um...

há não sei quando
e um douto
lido agora por
e eu penso que
e tantos tempo
e só se exting
quando o fog

foi e aconteceu na
Assíria
um curto poema
lírico
nos subúrbios de
Lisboa
teram igualmente

folhas secas, e os nomes dos rios, e cada
vez que tinha a sensação de não
descobrir nada
às vezes parecia que
nos âmbros e umbros
brilhava,
uma vez eu sentia
quase via alguma coisa
quase via o fogo que
quase tinha pegado
quase me tocava
quase nasci ali
quase que a mãe
quase tinha pegado
quase todo eu era madeira

mas de repente
de repente as
e entre elas, disse
caótico com
livros, folhas
este pequeno
este revólto como dantes
era,
e eu não tocava
e nada se tocava
e eu morria

a última bilha de gás que
com o gás é vendido
mas eis que se fez
e só tenho a de
se vendesse
e mesmo assim
não sei o que
vão com, Dar
porque já me não
mesmo e coisas não
se eu fosse judeu
já seria mais
come daria a
uma bilha de

mesmo três dias,
a sua solidão,
de aqui
de dar dinheiro para
outra bilha,
pensas o gás da
morte,
o,
tava tudo,
de feito isto por
e acabasse nazi,
de

Pedro Eiras*

É Professor de Literatura Portuguesa na Universidade do Porto, Investigador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e Membro da Rede Internacional de Pesquisa LyraCompoetics. Desde 2005, publicou diversos livros de ensaio sobre literatura portuguesa dos séculos XX e XXI, estudos interartísticos, questões de ética. Entre os mais recentes: [...] – *Ensaio sobre os mestres* (2017), *Constelações 2 – Estudos Comparatistas* (2016), *Platão no Rolls-Royce – Ensaio sobre literatura e técnica* (2015), e *Os Ícones de Andrei – Quatro Diálogos com Tarkovsky* (2012). Presentemente, desenvolve pesquisas sobre a representação e o imaginário do fim do mundo.

É também autor de obras de ficção (*Bach, Cartas Reencontradas de Fernando Pessoa a Mário de Sá-Carneiro, A Cura*) e peças de teatro, editadas e representadas em dez países (*Um Forte Cheiro a Maçã, Uma Carta a Cassandra, Um Punhado de Terra*, entre outras).